

Revista Ética e Filosofia Política – Volume 10 – Nº 1

Junho de 2007

**CONSIDERAÇÕES
SOBRE A
ABORDAGEM DA
MÍDIA
BRASILEIRA AO
GENOCÍDIO
ARMÊNIO**

Heitor de Andrade Carvalho Loureiro¹

Revista Ética e Filosofia Política

Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora • www.eticaefilosofia.ufjf.br

Resumo: O artigo se propõe a analisar as recentes notícias veiculadas na mídia brasileira, sobre o genocídio armênio, bem como apresentar números e fatos que ratificam a classificação de genocídio, o massacre de 1,5 milhão de armênios. *Palavras-chave:* Armênia, Genocídio, Mídia, 1915.

Abstract: This paper intends to analyze current news reported by the Brazilian media about the Armenian genocide, as well as presenting numbers and facts that corroborate the classification of genocide to the massacre of 1,5 million Armenians. *Keywords:* Armenia, Genocide, Media, 1915.

1 – Introdução:

A Armênia tem freqüentemente figurado nos jornais mundiais, mas na maior parte das vezes, não graças a sua história de quase quatro mil anos e sim por tragédias ou por jogadas políticas envolvendo seu povo: Em maio de 2006, um avião das Linhas Aéreas Armênias cai no Mar Negro, matando cerca de 100 passageiros; Em outubro, ocorreu a votação da lei que torna crime na França, negar o genocídio armênio. Tal lei foi acompanhada de diversas manifestações por parte dos turcos. Muitos questionam se esta lei infringe a liberdade de expressão na França.

Também em outubro, o escritor turco Orhan Pamuk ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Pamuk já foi enquadrado e julgado no artigo 301 do Código Penal turco, por insultar a Turquia, ao falar para um jornal europeu que seu país foi responsável por massacres que mataram armênios e curdosⁱⁱ.

Mas talvez o fato mais grave, noticiado amplamente pelos meios de comunicações, ocorreu em janeiro de 2007. O assassinato do jornalista turco de origem armênia, Hrant Dink, redator-chefe do jornal turco-armênio “Agos”, colocou o mundo de olho na Questão Armênia. A morte do jornalista foi seguida por diversas manifestações populares e institucionais por todo o mundo, a favor da liberdade de expressão, da queda do artigo 301 e pró-reconhecimento do genocídio armênio. Robert Fisk, jornalista do *The Independent*, conta Dink como a vítima de número 1.500.001 do genocídio armênioⁱⁱⁱ. Esta contagem seqüencial foi muito bem colocada pelo jornalista, uma vez que a questão jurídica deste genocídio ainda não está fechada, pois nunca houve um tribunal internacional que julgasse estes crimes de guerra^{iv}.

Diante da crescente curiosidade do mundo de se informar melhor do que foi o genocídio armênio, nunca tanto discutido como em 2006, vários jornais veicularam reportagens que traziam alguma explicação sobre o fato:

Em 1915, durante a expulsão do povo armênio que vivia em território turco, mais de um milhão de pessoas morreram de fome, de frio e doenças. A Turquia não reconhece o massacre e este é outro obstáculo para a entrada do país na União Européia.^v

Foi com essa fala lacônica que a repórter Ilze Scamparini, enviada da Rede Globo à Turquia, para acompanhar o Papa Bento XVI em sua visita aquele país, propôs “explicar” o genocídio armênio para o público de aproximadamente 65 milhões de brasileiros que assistem ao telejornal. Declarações como esta não são ímpares na imprensa brasileira, tendo outros jornais e meios de comunicação propondo a explicar o genocídio armênio, ora de forma incompleta, ora de forma totalmente errônea. O presente texto tem como objetivo analisar e considerar essas escassas informações sobre o genocídio nos principais veículos de comunicação do Brasil.

2 – Desenvolvimento:

2.1 – Da fala de Scamparini e fatos a serem postos:

Tratemos então da curtíssima fala de Scamparini sobre o genocídio: Iremos primeiro conferir a cifra de mortos declarados pela jornalista. O historiador britânico Arnold J. Toynbee, autor do livro “*Atrocidades Turcas na Armênia*”, dedica um capítulo a calcular os mortos pelos turcos. Toynbee, baseado em relatos, cartas de armênios e estrangeiros que presenciaram os massacres, contabiliza 40 mil armênios deportados para os desertos da Anatólia e Síria^{vi}. Devemos levar em consideração que esses depoimentos ainda são referentes somente ao ano de 1915, quando iniciaram os massacres e não compreendem todas as cidades e vilas atingidas até 1923. Lorde Bryce^{vii} em seu pronunciamento na Câmara dos Lordes acerca do genocídio, em 6 de outubro de 1916, fala em 800 mil mortos^{viii}. Outro historiador britânico, chamado Eric Hobsbawn fala em 1,5 milhão de vítimas^{ix}. Então, para tornar mais concreto e ratificar esses números, analisemos uma tabela comparativa que mostra a população armênia antes e depois do genocídio:

Tabela comparativa da população armênia aproximada, entre os anos de 1914 e 1922*

Nome da cidade ou região de maioria armênia	População em 1914	Deportados ou mortos	População em 1922
TOTAL 390.100 mil	2.133.190 milhões	1.745.390 milhão	387.800 mil
Erzerum	215.000	213.500	1.500
Sivas	225.000	208.200	16.800
Van	197.000	196.000	500
Kharput	204.000	169.000	35.000
Bitlis	220.000	164.000	56.000
Diarbekir	124.000	121.000	3.000
Trebizonda	73.390	58.590	5.000
Anatólia Ocidental	371.800	344.800	27.000
Cilícia & Norte da Síria	309.000	239.000	70.000
Turquia Européia	194.000	31.000	163.000

Fonte: Museu do Genocídio Armênio. Erevan, Armênia.

A tabela trás um saldo de mais de 1,7 milhão de vítimas, entre mortos e/ou deportados. Mas como já vimos na nota à Hobsbawn, o número mais utilizado é o de 1,5 milhão de mortos. Número este, ratificado pela ONU e pelo Parlamento Europeu.

Esclarecidos os números, entraremos no mérito mais complexo da afirmação da jornalista: a causa da morte dos armênios. Poderíamos nos alongar aqui por páginas e páginas, somente analisando os depoimentos e relatos contidos no livro de Toynbee, ou no julgamento do estudante armênio Salomon Teilirian^{xi}, mas para não tornarmos a leitura demasiada enfadonha, analisemos apenas alguns trechos usados por Toynbee em seu livro^{xii}:

Vi uma rapariga de dez anos e meio de idade, só com uma camisa esfarrapada. Tinha vindo a pé (...) Estava terrivelmente magra e tremendo de frio, como quase todas as numerosas crianças que eu vi nesse dia. (Grifos meus)

Caminhavam a passo, a maior parte caindo de fraqueza por falta de alimento. Vimos um pai com uma criança de um dia ao colo e seguido pela mãe, caminhando conforme podiam, forçados pelo bastão do guarda turco. Não era fato extraordinário ver uma mulher cair desfalecida e ser obrigada a levantar-se à força de bordoada. (Grifos meus)

Quarenta e cinco homens e mulheres foram levados a um vale à curta distância da aldeia. Primeiro, as mulheres foram vítimas dos instintos libidinosos da oficialidade da gendarmaria e, depois, entregues aos gendarmes para dispores delas. Segundo uma testemunha, mataram uma criança batendo-lhe com a cabeça contra uma pedra. Os homens foram todos assassinados e não ficou viva uma única pessoa deste grupo de 45. (Grifos meus)

Os relatos ainda ficam mais claros e dramáticos, causando horrores nos estrangeiros que lá estavam em missões de caráter humanitárias. Mostrando esses relatos, podemos concluir que sim, muitos armênios morreram de fome e de frio, mas não por falta de condições financeiras ou estruturais de evitarem tal morte, mas sim de uma imposição e privação de seus bens pelos turcos.

Não foram estas as únicas causas da morte entre os armênios, como podemos verificar no episódio do bebê batido contra a pedra e dos 45 armênios mortos após as mulheres serem violentadas. Fotos ainda mostram turcos humilhando armênios e os privando de comida. Na verdade, era praxe entre os turcos fazer as caravanas armênias andarem por quilômetros sem fim, sem provisões ou estrutura para isso, muitos perecendo assim de frio e fome, para alegarem depois que os flagelados armênios morreram por “causas naturais” durante o transporte para os “campos agrícolas” criados por Talaat e Enver Paxá.^{xiii}

2.2 – Da BBC/Folha de São Paulo e seus esclarecimentos sobre o genocídio:

Analisemos agora uma matéria da rede inglesa de notícias BBC, publicado no site da Folha de São Paulo no dia 12 de outubro de 2006 com o título “Entenda a polêmica sobre o suposto ‘genocídio’ armênio.”^{xiv} Tal artigo é bem mais equivocado do ponto de vista histórico do que o anterior:

Comunidades armênias em várias partes do mundo lutam há décadas para que o suposto massacre de seu povo pelos turcos otomanos entre 1915 e 1917 seja reconhecido como o primeiro ‘genocídio’ do século 20.

O jornal coloca entre aspas a palavra genocídio, como se estivesse usando esse termo com cautela, pois ele não caberia para tal episódio. De acordo com a resolução 260 da Assembléia Geral da O.N.U. de 9 de dezembro de 1948^{xv}, o genocídio é um delito de Direito Internacional, podendo ser configurado tanto em tempos de guerra, quanto em tempos de paz, devendo ser reprimido e julgado, tendo efeito retroativo. No artigo II^{xvi}, o genocídio é configurado por atos intencionais ou não de destruir ou agredir na totalidade ou na parte um grupo nacional, étnico, racial ou religioso. Tais atos são:

- Assassinatos de membros do grupo;
- Dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo (idem)
- Submissão internacional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial;
- Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo^{xvii};
- Transferência forçada de menores do grupo para outro grupo^{xviii}.

Baseado nas leis internacionais, nos depoimentos e na comunidade de historiadores e intelectuais, afirmamos que sim, *o massacre de armênios pode ser configurado como genocídio e passível de punição*, pois a retroatividade atinge atos executados mesmo antes de sua configuração como crime. Apesar do genocídio armênio nunca ter sido julgado em tribunais internacionais, sem os culpados serem punidos e os armênios serem indenizados por suas perdas (se é que exista modo de indenizar um milhão e meio de vítimas), ainda assim pode ser qualificado como genocídio, mesmo tendo sua questão jurídica em aberto.

Outro ponto da matéria da BBC a ser checado são as datas. A data que simboliza o início do genocídio é 24 de abril de 1915, onde aproximadamente 600 intelectuais armênios foram mortos em Istambul^{xix}. Obviamente houve antecedentes que prepararam o cenário propício para o fatídico dia 24 de abril de 1915, como os massacres Hamidianos nos anos finais do século XIX, Adana em 1909 e vários outros fatos isolados, mas não menos sangrentos do que o que viria.

2.3 – Breve panorama da política na região durante os anos de guerra:

Os massacres não se encerraram em 1917 como declara a BBC/Folha. Eles se estenderiam até 1923. O que encerra em 1917 são a primeira parte das matanças, contabilizando em torno de um milhão de vítimas.^{xx} Com a ascensão bolchevista na Rússia em 1917, o exército russo se esfacela o novo governo faz acordos com a Turquia para esta não avançar as suas fronteiras no Cáucaso. Para poder administrar melhor essa situação onde duas grandes forças influenciavam na região, foi criado o Comitê Transcaucasiano, formado por representantes azeris, armênios e georgianos. Os turcos, em negociações por territórios com uma Rússia atordoada pela revolução, aceitariam reconhecer a independência da Transcaucásia mediante algumas indenizações e territórios. O Comitê ignorou a proposta turca, contando com o insucesso bolchevique e a retomada da intervenção russa no Cáucaso.

Vendo a inviabilidade de contar com o tempo e a sorte, um mês após a proposta turca ser feita, o Comitê volta atrás na sua decisão e resolve negociar. Mas em 3 de março de 1918 a Rússia Soviética e as Potências Centrais^{xxi} assinam o tratado de paz de Brest-Litovsk. O artigo 4 do tratado dizia a respeito da questão armênia e era uma verdadeira sentença de morte do país^{xxii}. Além de a Rússia reconhecer a posse da Armênia Ocidental para os turcos, ainda cedia províncias armênias orientais. Obviamente o Comitê não reconheceu tal tratado, principalmente no que tratava das cidades armênias que seriam passadas para o jugo turco. Diante de mais essa afronta, os turcos invadiram Erzerum, Sarikamich e Batum (cidades que segundo o Tratado de Brest-Litovsk pertenciam a eles). Numa atitude de repúdio e boicote à Rússia, o comitê se reúne no dia 22 de abril de 1918 e declara a República Democrática Federativa da Transcaucásia.^{xxiii} Os armênios foram contra a independência, por temer separar-se da Rússia e perder o apoio do único país que poderia fazer frente ao ímpeto turco na região. Infelizmente o receio armênio teve razão: a Geórgia abandona a República recém criada e coloca-se sob a proteção alemã em novembro de 1917, enfraquecendo ainda mais a nova estrutura política caucasiana.

A Turquia avançou sobre as cidades de Kars e Alexandropol, abrindo caminho para chegar ao coração da “Armênia Russa”: Erevan^{xxiv}. Com a Geórgia sob proteção alemã e o Azerbaijão sob proteção turca, a República Transcaucasiana foi dissolvida e a Armênia declara em 30 de maio de 1918 a sua independência.^{xxv} Independência

totalmente inexpressiva, uma vez que o Estado Armênio independente ocupava uma faixa territorial ínfima, privada de saídas para o mar, com 250 mil refugiados mal instalados e doentes e com os turcos às portas da milenar Erevan. Mesmo assim, os armênios organizavam uma heróica e desesperada resistência em Sardarabad, Rharakilisé e Pashaparan.

Na Pequena Armênia ou Cilícia, poucos armênios sobreviventes ficaram sob protetorado francês, como a Alemanha agiu com a Geórgia. O exército turco inflamado pelo nacionalismo de Mustafa Kemal “Ataturk”, entrou em confronto com as tropas francesas na Cilícia entre 1919 até 1921. A batalha onerosa fez com que a França abdicasse do protetorado num acordo assinado com a Turquia em 1921.

O Tratado de Lauzanne assinado pela Turquia e Rússia em 24 de julho de 1923, derrubava o anterior Tratado de Sèvres, assinado pela Turquia e os países aliados para traçar as fronteiras da Armênia^{xxvi}. Lauzanne deixava em mãos turcas os territórios armênios de Erzurum, Van, Bitlis e Trebizonda (cidade que foram consideradas armênias pelo tratado anterior). As tropas de Ataturk entravam com voracidade nas cidades armênias a fim de tomar posse do que o novo tratado unilateral os concedia. Mais milhares de vidas armênias foram ceifadas nessa ocasião.

Esses fatos já são suficientes para afirmar que *os massacres foram além do ano de 1917*, como dito pela matéria da BBC/Folha de São Paulo. Mesmo sendo agora operações militares, as tropas kemalistas não pouparam civis e inocentes. Essa movimentação intensa de tropas turcas no Cáucaso, na Cilícia e na Anatólia não foi indolor para a população armênia ali residente e resistente.

2.4 – Da simplória explicação para o genocídio:

Passemos então adiante na matéria:

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Império Otomano (que enfrentava a Tríplice Entente, formada por Reino Unido, Rússia e França) convocou todos os seus homens para lutar. O recrutamento não foi bem-recebido por muitas das minorias étnicas e religiosas do império. Os armênios eram um dos grupos que se rebelaram contra a guerra e a opressão de Istambul.

A matéria dá como causa do genocídio (sem as aspas) uma insurreição armênia causada pelo alistamento da população nas frentes do exército turco-otomano. Explicação simplória. A explicação mais utilizada na tentativa de explicar as causas do genocídio armênio é o nascente nacionalismo turco.

Durante o governo tirano do Sultão Abdul Hamid II (Entre as décadas de 1890 e 1900), vários turcos opositores ao governo procuraram asilo em países europeus como Alemanha e França. Em 1902 esses dissidentes fundaram em Paris um movimento liberal chamado Ittihad ve Terakki^{xxvii} para fazer oposição ao Sultão Vermelho^{xxviii}. Os membros do partido ficariam conhecidos na Turquia como Jovens-Turcos. O movimento tinha como meta a modernização do Império e a *coexistência de todos os povos residentes no território otomano* em prol de uma Turquia forte e moderna.

No início, os Jovens Turcos foram vistos com bons olhos pelos armênios, que viam neles o fim dos massacres e atrocidades do sultanato anterior. Infelizmente, esse curto período de esperança e paz cairia por terra. Vale lembrar que os armênios em sua maioria eram prósperos comerciantes e artesãos, com muitos dos seus filhos estudando nas melhores universidades européias. Nada distinguia uma dama armênia de uma dama parisiense, por exemplo. Os turcos viam nos armênios, uma ameaça ao seu crescimento e a sua hegemonia na região, além da questão racial e religiosa, também agravante nesta delicada questão.

As perdas de territórios nos Bálcãs pelo tratado de Berlim de 1878, assinado com as potências européias, deixaram os turcos receosos que o mesmo acontecesse na Armênia, tirando assim todo o espaço vital que o governo julgava ser necessário para a Turquia. Esse quadro inflamava a inveja e o medo dos turcos pelo poderio econômico armênio, que viam nessa situação privilegiada de seus hóspedes, o motivo de sua desgraça e pobreza. Com frases como “A Turquia para os turcos”^{xxix} e “Se não existissem armênios, com uma só indicação do Comitê União e Progresso, poderíamos colocar a Turquia no caminho requerido”^{xxx}, os Jovens Turcos começaram suas atrocidades minuciosamente planejadas, contra armênios de várias regiões da Anatólia e Cilícia. Várias cidades sucumbiram como Zeytun, Sassun, Trebizonda, Kars e Van. Populações inteiras foram deportadas para os chamados “campos agrícolas” que nada mais eram do que o meio do nada do deserto sírio de Der-El-Zor. Bebês armênios

foram encaixotados e jogados no Mar Negro; outras crianças foram arremessadas no Rio Eufrates, morrendo afogadas. As que conseguiam nadar, morriam com as balas dos gendarmes turcos e curdos; várias pessoas foram acorrentadas e jogadas para o fundo do Lago Van^{xxxii}.

A realidade é que poucas balas foram gastas para matar 1,5 milhão de armênios. Para os turcos, o armênio não valia sequer o chumbo da munição. Então estes optaram por métodos mais dolorosos e humilhantes do que um simples tiro. Macabramente célebres são os episódios da morte de mil armênios que foram colocados dentro de um prédio de madeira e em seguida foi incendiado^{xxxiii}; e o episódio da ferradura posta em um refugiado armênio que reclamou por terem tirado até seus sapatos.^{xxxiii} A única alternativa dada para as vítimas armênias fugirem do massacre (isso quando essa “oportunidade” lhes era concedida), era a conversão ao Islã. Algumas famílias armênias se converteram a religião dos opressores para se livrar do destino de seus iguais. Porém a grande maioria morreu fiel ao cristianismo, religião do país há mais de 1600 anos.

Aproveitando essa linha, entremos em mais um dos motivos da matança: a religião. Porém, atribuir o genocídio a apenas a divergências religiosas é pura ingenuidade. Cristãos e islâmicos vivem por séculos em harmonia em diversas regiões do globo^{xxxiv}. Mas diante do quadro desenhado pelos demais fatores, a divergência veio para acentuar o que já era feito. Recapitulemos então alguns dos fatores do genocídio armênio aqui enumerados:

- Nacionalismo turco;
- Necessidade de conquistar as terras armênias;
- Aspirações a dominar o comércio e as fábricas controladas por armênios;
- Divergências religiosas.

Obviamente que esses quatro itens ainda são uma simplificação ínfima do complexo aparato genocida em questão. A respeito do item C, vale lembrar o capítulo do livro de Toynbee que examina a culpa alemã nos massacres^{xxxv}. A Alemanha, aliada turca na Primeira Grande Guerra, tinha poderes para impedir os massacres, mas não o fez. Possível motivação: interesse econômico na região. Segundo Toynbee, os

armênios eram responsáveis por cerca de 90% do comércio interno do Império Otomano. O genocídio seria um suicídio econômico para os turcos, pois o comércio intermediado pelos armênios desapareceria com todos os serviços vitais para o país. De olho nesse nicho de mercado estavam os alemães, que poderiam intervir economicamente na região. Além disso, tentar ganhar território ao sul da adversária russa também era uma estratégia para enfraquecer o inimigo, lutando em duas frentes (Europa e Cáucaso).

Avancemos com a matéria então:

A resposta teria vindo em abril de 1915, quando o governo turco otomano reuniu cerca de 250 líderes da comunidade armênia no império. Alguns deles teriam sido deportados, outros, executados. Nos dois anos seguintes, aproximadamente 1,5 milhão de armênios teriam sido mortos pelos turcos.

Já explicamos o número de mortes no dia 24 de abril de 2006. Foram mais que o dobro do mencionado pela BBC/Folha de São Paulo^{xxxvi}.

Até hoje, muitos armênios acreditam que foi o massacre de seu povo que abriu caminho para o Holocausto. ‘Afinal, quem se lembra do aniquilamento de armênios?’, teria dito Hitler.

Sem dúvidas, a falta de um julgamento justo e punições severas aos culpados pelos massacres de armênios mostraram aos demais genocidas do mundo que a impunibilidade é a máxima para crimes como esses. Os Direitos Humanos nem sempre são convenientes com a Geopolítica mundial. O paradigma armênio está presente no Holocausto judeu, na Bósnia, em Ruanda, no Camboja, no Iraque, no Sudão e em qualquer outro genocídio ou massacre que o mundo presenciar em sua história. Hitler soube analisar a conjuntura da época e incentivar os seus soldados a invadirem a Polônia com toda a voracidade, pois ele já sabia que sairia ileso como os responsáveis turcos pela matança de armênios. E de fato saíram. Até mesmo um julgamento como Nuremberg não é suficiente para fazer jus à memória de todos os mortos em chacinas como essas denominadas de genocídio. Julgar e reconhecer os genocídios é remediar o que poderia ter sido evitado, quer seja por intervenção das potências nos massacres em curso, quer seja por punições exemplares e efetivas como deveria ter sido feito no caso armênio.

3 – Conclusão:

É duvidoso o porquê de meios de comunicações respeitadas mundialmente, explicarem com meias-verdades e fatos distorcidos, este fato tão importante para a história contemporânea mundial. Mera ingenuidade, acesso a fontes incompletas, ou tendência jornalística em prol de uma causa política. Impossível definir com certeza. O fato é que a atual Turquia é peça-chave no jogo político na Ásia Menor e Oriente Médio, sendo a principal aliada islâmica dos EUA e da Inglaterra naquela região. Uma ação anglo-americana reconhecendo o genocídio armênio causaria desastrosos efeitos no xadrez da política mundial. Por exemplo, de acordo do renomado ativista político Noam Chomsky, a Turquia teve a liberdade para agir reprimido a questão curda, pois o governo americano de Clinton era o principal fornecedor de armas para este país^{xxxvii}. Quer dizer, esta relação de uma Potência ignorar os crimes de um consumidor em potencial vem de muito tempo, e ainda hoje pesa na hora de optar entre defender os Direitos Humanos, ou ampliar o poder.

Enfim, apesar de toda essa conjuntura, esperamos que a Questão Armênia esteja cada vez mais em voga na sociedade, nas discussões acadêmicas, governamentais, diplomáticas, etc. Mais ainda, esperamos que o reconhecimento do genocídio armênio não seja um problema apenas da Armênia, e sim, de cada cidade ou vila do mundo que seja defensora dos Direitos Humanos e da Justiça. Nas palavras do ex-Primeiro Ministro francês Léon Blum: “Nenhuma nação se sentirá realmente livre enquanto existir no mundo um povo subjugado.”^{xxxviii}

4 – Notas:

- ⁱ Graduando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG)
- ⁱⁱ "Trinta mil curdos e um milhão de armênios foram mortos nestas terras, e ninguém, senão eu, ousa falar sobre isso" PAMUK, Orhan. Apud <http://www.armenia.com.br/arq_131006.htm>, acessado em 21 de janeiro de 2007.
- ⁱⁱⁱ FISK, Robert. *El genocidio armenio se cobra la víctima 1 500 001*. Rebellion. Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=45197>>, acessado em 28 de janeiro de 2007.
- ^{iv} Por essa ausência de julgamento, o Prof. Dr. Antônio Henrique Campolina Martins sustenta a tese que, o genocídio armênio é o mais longo genocídio da história. MARTINS, Antônio Henrique Campolina. *Armênia, um povo em luta pela liberdade: o mais longo genocídio da história*. Dossiê – Direitos Humanos. Ética e Filosofia Política. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, nº 1, p. 139-159.
- ^v *Jornal Nacional*, disponível em <<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1370964-3586-593444,00.html>>, acessado em 04 de dezembro de 2006.
- ^{vi} TOYNBEE, Arnold. *Atrocidades Turcas na Armênia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 95.
- ^{vii} Lorde Bryce tomou conhecimento da Armênia através de uma viagem que fez no fim do século XIX. Em 1916, com a ajuda de Toynbee, ele publicou um livro chamado *The Treatment of armenians in the Ottoman Empire 1915-16*, também conhecido com *Blue Book*. O livro está disponível na íntegra em <<http://net.lib.byu.edu/~rdh7/wwi/1915/bryce/a00tc.htm>>, acessado em 21 de janeiro de 2007.
- ^{viii} TOYNBEE, A. op. cit., p. 17.
- ^{ix} "As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais dedicadas a distância, de sistemas e rotinas, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais. Assim o mundo acostumou-se à expulsão e matança compulsórias em escala astronômica, fenômenos tão conhecidos que foi preciso inventar novas palavras para eles: 'sem Estado' (apátrida) ou 'genocídio'. A Primeira Guerra Mundial levou a matança de um incontável número de armênios – o número mais habitual é de 1,5 milhão -, que pode figurar como a principal tentativa moderna de eliminar toda uma população." HOBBSAWN, E. *Era Dos Extremos*. O Breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997, p. 57.
- ^x *IN HOMAGE To Our 1,500,000 Martyrs*. Disponível em <<http://www.inhomage.com/index.php?page=figures>>, acessado em 06 de dezembro de 2006.
- ^{xi} Em 1921, o estudante armênio Soghomon Teilirian assassinou nas ruas de Berlim o ex-ministro turco e considerado o responsável por parte do genocídio, Talaat Pashá. Teilirian foi julgado e absolvido pela justiça alemã. Seu processo na íntegra virou livro. Como o genocídio armênio nunca teve um tribunal para julgar os culpados por ele, os armênios consideram a absolvição de Teilirian como o julgamento do genocídio e o reconhecimento alemão às matanças. Irônico pensar que a nação que fechou os olhos para as matanças em 1915, absolveu uma vítima dessa atrocidade. *UM GENOCÍDIO em Julgamento*. O processo Talaat Paxá na República de Weimar. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- ^{xii} TOYNBEE, A. op. cit., p. 41-53.
- ^{xiii} TOYNBEE, A. op. cit., p. 58.
- ^{xiv} *Entenda a polêmica sobre o suposto "genocídio" armênio*, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u57759.shtml>>, acessado em 06 de dezembro de 2006.
- ^{xv} *Office of the High Commissioner for Human Rights*. Disponível em <http://www.unhchr.ch/html/menu3/b/p_genoci.htm>, acessado em 26 de janeiro de 2006.
- ^{xvi} Artigo apud MARSICANO, Sebastião. *Um novo-velho delito*. Contribuição ao estudo do genocídio. Juiz de Fora: UFJF, 1961.
- ^{xvii} "Minha irmã mais velha morreu de frio durante a fuga da minha família para o Líbano. Lembro-me de meus pais contando histórias terríveis, de pessoas sendo degoladas e de mulheres grávidas apunhaladas por policiais turcos que arrancavam seus filhos do ventre. Me recordo de um episódio em que, tentando escapar, alguns conterrâneos entraram numa igreja e foram barbaramente incendiados." Depoimento de ARUSIAK NERCESSIAN para a VASCONCELOS, Yuri. *Genocídio Armênio*. In: Aventuras na História, Abril, Edição 23, julho de 2005, p. 39.
- ^{xviii} "Seis angustiadas mães, de passagem por Konieh, nesse caminho de ferro, confiaram os seus filhinhos às famílias armênias da cidade a fim de lhes salvar as vidas; as autoridades locais, porém, os entregaram a muçulmanos." TOYNBEE, A. op. cit., p. 42.
- ^{xix} O número de 600 intelectuais mortos no dia 24 de abril também é muito contestado, mas as maiores autoridades no tema entram em um consenso neste número. Destinchando as mortes: 196 escritores, 168 pintores, 575 músicos, 336 médicos, 176 docentes e professores, 160 advogados, 62 arquitetos, 64 atores, etc. ARMENIA. *90º aniversario del genocidio armenio*. Buenos Aires: Asociación Cultural Armenia, 2005, p.13.
- ^{xx} ALEM, Jean-Pierre. *A Armênia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p. 62.
- ^{xxi} Além da Turquia, contava com Alemanha, Áustria-Hungria e Bulgária. ALEM, J. P., op. cit. p. 64.
- ^{xxii} "A Rússia fará tudo o que estiver ao seu alcance para assegurar a evacuação tão rápida quanto possível das províncias da Anatólia Oriental e sua metódica restituição à Turquia. Os círculos de Ardahan, de Kars e de Batum serão igualmente evacuados sem atraso pelas tropas russas." ALEM, J. P. op. cit., p. 65.
- ^{xxiii} Formada por Armênia, Azerbaijão e Geórgia. ALEM, J. P. op. cit., p. 66.

^{xxiv} Capital da atual República da Armênia. Em 782 a. C. foi fundada a fortaleza de Erebuni. Mais tarde se torna Erevan, sendo uma das cidades mais antigas do mundo com quase 2800 anos. INFORMATIVO da Comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, nº 148, março de 2004, p. 11.

^{xxv} “O Conselho Nacional Armênio, ante a nova situação criada pela dissolução da unidade política da Transcaucásia e a declaração de independência da Geórgia e do Azerbaijão, declara-se a única e suprema autoridade das províncias armênias. Em consequência de certas circunstâncias graves e adiada por alguns dias a constituição de um governo nacional armênio, o Conselho Nacional se encarrega de todas as funções governamentais para dirigir os negócios políticos e administrativos das províncias armênias.” (Grifos meus). ALEM, J. P. op. cit., p. 68.

^{xxvi} “A Turquia e a Armênia, assim como as outras Altas Partes contratantes, decidem submeter à arbitragem do presidente dos Estados Unidos da América a determinação da fronteira entre a Turquia e a Armênia nos vilaietes de Erzerum, Trebizonda, Van e Bitlis e aceitar sua decisão assim como toda proposição que puder prescrever relativamente ao acesso da Armênia ao mar e relativamente à desmilitarização de todo o território otomano adjacente.” Artigo 89 do Tratado de Sèvres apud ALEM, J. P. op. cit., p. 73.

^{xxvii} Ou Comitê União e Progresso. TERNON, Yves. *Les Arméniens. Histoire d'un génocide*. Paris: Éditions du Seuil, 2ª ed, 1997, p. 183.

^{xxviii} Assim denominado por ter sido responsáveis pelo massacre de 300 mil armênios entre 1894 e 1896. FRANCE, Anatole in KERIMIAN, Nubar. *Massacre de Arméniens*. São Paulo: Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 1981.

^{xxix} ENVER PAXÁ. *Telegrama publicado pelo Diário Del Plata*. Montevideu, Uruguai, 12 de setembro de 1915 apud : KERIMIAN, N. op. cit. p. 100.

^{xxx} NAZIM BEY, membro dos Jovens Turcos apud KERIMIAN, N. op. cit., p. 98.

^{xxxi} NEW YORK TIMES, Nova York: 6ª feira, 20 de agosto de 1915 apud : KERIMIAN, N. op. cit. p. 85.

^{xxxii} NEW YORK TIMES, apud : KERIMIAN, N. op. cit. p. 85.

^{xxxiii} LA PRENSA, Buenos Aires: 28 de janeiro de 1916. apud: KERIMIAN, N. op. cit. p. 84. O episódio é retratado no filme *Mayrig*, de Henri Verneuil.

^{xxxiv} Armin T. Wegner (1886-1978) foi um escritor alemão e médico sanitário. Estava na Armênia em 1915 e foi testemunha dos acontecimentos. Ele promete para as vítimas e para si mesmo lutar para que o mundo tome conhecimento das atrocidades ali cometidas. Com esse espírito, ele manda uma carta para o presidente norte-americano Woodrow Wilson (Nobel da paz em 1919 e reconhecidamente uma ativa personalidade em prol da causa armênia) implorando por intervenção norte-americana (ver carta In KERIMIAN, N. op. cit., p. 249). Wegner também escreve o prefácio da edição alemã do livro que contém o processo de Soghomon Teilirian, estudante armênio que assassinou Talaat Paxá em Berlim. Neste prefácio, o escritor isenta o Islã de culpa nos massacres: “Ninguém responsabiliza a religião do Islã por isso, e seria um erro afirmar que os simpatizantes da Armênia o tenham feito. Ao lado de Cristo, Buda, Lao-Tse, encontra-se também a doutrina de Maomé, e se ela de fato desempenhou algum papel nestes acontecimentos, isto ocorreu apenas porque usaram-na indevidamente. Não fizeram o mesmo com a doutrina de Cristo? E os países europeus também não fizeram o uso indevido de suas palavras para em seu nome empreenderem guerras e pilhagens pífidas contra os povos indefesos de suas colônias?” WEGNER, A. apud: *UM GENOCÍDIO em Julgamento*. op. cit., p. 21.

^{xxxv} TOYNBEE, A. op. cit., p. 105.

^{xxxvi} Ver nota 19.

^{xxxvii} CHOMSKY, Noam. *Poder e terrorismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

^{xxxviii} BLUM, Léon apud: KERIMIAN, N. op. cit. p. 113.

BIBLIOGRAFIA

Websites:

BRYCE, James. *The Treatment of armenians in the Ottoman Empire 1915-16*, disponível em <<http://net.lib.byu.edu/~rdh7/wwi/1915/bryce/a00tc.htm>>, acessado em 21 de janeiro de 2007.

Entenda a polêmica sobre o suposto “genocídio” armênio, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u57759.shtml>>, acessado em 06 de dezembro de 2006.

FISK, Robert. *El genocidio armenio se cobra la víctima 1 500 001*. Rebelion. Disponível em <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=45197>>, acessado em 28 de janeiro de 2007.

IN HOMAGE To Our 1,500,000 Martyrs. Disponível em <<http://www.inhommage.com/index.php?page=figures>>, acessado em 06 de dezembro de 2006.

Jornal Nacional, disponível em <<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1370964-3586-593444,00.html>>, acessado em 04 de dezembro de 2006.

Office of the High Commissioner for Human Rights. Disponível em <http://www.unhchr.ch/html/menu3/b/p_genoci.htm>, acessado em 26 de janeiro de 2006.

PAMUK, Orhan. Apud <http://www.armenia.com.br/arq_131006.htm>, acessado em 21 de janeiro de 2007.

Livros:

ALEM, Jean-Pierre. *A Armênia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961,

ARMENIA. *90º aniversario del genocídio armenio*. Buenos Aires: Asociación Cultural Armenia, 2005, p.13.

CHOMSKY, Noam. *Poder e terrorismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HOBSBAWN, E. *Era Dos Extremos*. O Breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997, p. 57.

INFORMATIVO da Comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, nº 148, março de 2004, p. 11.

KERMINIAN, Nubar. *Massacre de Armênios*. São Paulo: Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 1981.

MARSICANO, Sebastião. *Um novo-velho delito*. Contribuição ao estudo do genocídio. Juiz de Fora: UFJF, 1961.

MARTINS, Antônio Henrique Campolina. *Armênia, um povo em luta pela liberdade: o mais longo genocídio da história*. Dossiê – Direitos Humanos. Ética e Filosofia Política. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, nº 1, p. 139-159.

TERNON, Yves. *Les Arméniens*. Historie d'un génocide. Paris: Éditions du Seuil, 2^a ed, 1997.

TOYNBEE, Arnold. *Atrocidades Turcas na Armênia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 95.

UM GENOCÍDIO em Julgamento. O processo Talaat Paxá na República de Weimar. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

VASCONCELOS, Yuri. *Genocídio Armênio*. In: Aventuras na História, Abril, Edição 23, julho de 2005, p. 39.